

CONSIDERAÇÕES SOBRE O SALÃO MODERNO

(Conclusão da 1ª pág.)

imprestáveis, e que foram como que ressuscitados pela força poética do escultor.

Interessaram-nos menos, mas sempre nos interessaram, as *Construções* de Edgar Duvivier, que fez seu aparecimento num Salão Moderno, êle que sempre vem concorrendo aos Salões Acadêmicos. Duvivier demonstrou possuir inventiva, mas pouca sensibilidade demonstram suas peças. Como se isso não bastasse, não se vê, nelas, nenhum indício de vitalidade o que as torna apenas pedaços de engrenagens, porcas e parafusos arranjados no espaço segundo uma ordem determinada.

Amilcar de Castro enviou três *Esculturas* notáveis como concepção e desenvolvimento espacial, mas não nos entusiasma essas peças despidas de qualquer vibração interior — o que, é claro, não as invalida esteticamente.

Quanto às demais esculturas, não nos interessaram de modo algum, a não ser, por sua pobreza e simplicidade, a *Maquete Para Escultura em Vertical*, de Leda Pitzalis, e o *Pequeno Círculo Suspenso*, de Jean Boghici, que não chegam a ser coisa alguma.

PINTURA

A Seção mais numerosa no Salão de 1960, com 188 obras, foi a pintura. Dividiremos os diversos expositores em grupos, a saber: 1) os figurativos; 2) os não-figurativos informais; 3) os não-figurativos geométricos; 4) os não-figurativos que, nem sendo informais, nem concretos, não entraram em nenhum dos dois grupos anteriores. Veremos posteriormente como cada um desses quatro grupos ainda pode vir a ser subdividido.

PINTORES FIGURATIVOS. Entre os figurativos agrupamos: a) os ingênuos; b) os expressionistas; c) os restantes. Dos dois pintores ingênuos presentes: Elisa Martins da Silveira e Silvia de Leon Chalreo, a última leva a melhor. Elisa enviou três obras aquém de suas possibilidades, cumulando o espaço de formas que se prejudicam umas às outras, se bem que dotadas de bom colorido e desenho sensível. Um bom pintor de tendência expressionista é o novo Iazid Thame, cujo retrato *Mário* (número 82), em nosso entender, é das melhores coisas do Salão. Iazid Thame lança mão de uma ousada composição, fixa os contornos do rosto com um traço espesso que recorda o de Georges Rouault e portanto os vitrais medievais, anota sobre esse rosto os acidentes da boca, do nariz e dos olhos — um rosto como uma paisagem —, e ao campo pictórico empresta um colorido forte e dramático em seus contrastes de lilás e rosa. Convém citar ainda, entre os pintores figurativos: Carlos Seliar, com três *Natu-*

turezas Mortas de bela fatura; Fernando Clóvis Pereira, cujo envio é dos piores do Salão; Frank Schaefer, com três quadros (*Ilha Grande*) de notável colorido; Jacinto Moraes, cujos quadros em tons frios deixam entrever ua matéria monotonamente regular (mas que exemplo de coerência dá esse pintor, num momento em que, como camaleões, os artistas brasileiros adotam as cores adaptáveis às circunstâncias!); Jacyra Oswald, cujo figurativismo beira inequivocamente as fronteiras do não-figurativismo; Marques de Sá, que se conquistou, com suas originais *Naturezas-Mortas*, uma posição impar, mas que não nos convenceu nunca com as mesmas.

PINTORES NÃO-FIGURATIVOS INFORMAIS. Distingamos entre os informais primeiro aquêles que dão prioridade à cor, depois os que a dão à matéria. Entre os primeiros citemos Annibal de Mello Pinto, que aderiu à *action-painting*, aparentemente, e que não repete o erro feliz do certame passado; Carlos Magano, que no quadro 40, *Pintura 3*, atingiu se não nos enganamos, ao ponto culminante de sua carreira; Loio Pérsio, que foi traído por um mau envio, mas que atingiu a um excelente nível de desenvolvimento colorístico na *Composição* de número 115; Manabu Mabe, que interrompeu de modo incompreensível a série de excelentes envios que vinha fazendo desde 1958, com três obras de colorido, fatura e composição banais; a inglesa Sheilla Branningan, uma das boas presenças no Salão de 1960, sobretudo com os quadros 172 e 174; Manuel Santiago, que deixou de lado a figuração e manteve suas características cromáticas; Tomie Otake, cuja obra 189, *Pintura*, é excelente. Dos que dão primordial importância à matéria, mencionemos: Glauco Rodrigues, cujo informalismo não nos convence, com não nos convenceu nunca seu realismo socialista de alguns poucos anos passados; Inimá de Paula, a debater-se em meio a tremenda confusão, êle que é em nosso entender autor de algumas das mais bem realizadas *Paisagens* com que conta a atual pintura brasileira, e que para adaptar-se ao momento, à moda, torceu sua personalidade a ponto de ficar irreconhecível (que esse artista tenha a coragem para permanecer idêntico a si mesmo, e seu lugar no seio da arte moderna brasileira está garantido); Jagobo, num caos de linhas e longe, ainda, de suas possibilidades efetivas; Tereza Nicolao, com uma obra detestável, *Número 9 de 1959*; Fukushima, com um quadro de boa categoria, *Pintura* (número 184); enfim, Yolanda Mohalyi, irreconhecível graças à adoção de todo um arsenal de furunculoses e acnes de que erigiu suas pinturas. (Continua).

Considerações sobre o Salão Moderno

José Roberto Teixeira Leite

ACABA de encerrar-se, no Museu Nacional de Belas Artes, o Salão Nacional de Arte Moderna de 1960, cujo júri de premiação esteve integrado por Milton Dacosta, Lourival Gomes Machado e Mário Pedrosa. As considerações que seguem representam o Salão Moderno tal como o vimos, e dizem respeito àquelas obras expostas que maior interesse nos despertaram, desprezado o fato de terem ou não sido premiadas.

De modo geral, e em que pese o envio de alguns isentos de júri que melhor fariam se concorressem ao Salão Acadêmico, o Salão de 1960 atingiu a alto nível artístico. Alguns ponderarão que o júri de seleção agiu com severidade excessiva, mas não há dúvida de que tal severidade somente poderá fazer bem aos próprios artistas. Se uma ou outra injustiça aconteceu, o fato é compreensível: o modo como é feita na atualidade a seleção, com os três jurados sendo obrigados a passarem em revista em algumas poucas horas centenas de obras de arte, facilita sobremodo a existência de tais injustiças. Sem embargo, os que viram o impagável Salão dos Independentes — e aqui cabe a indagação: porque *dos independentes*, se os recusados espontaneamente submeteram-se a um júri conhecido, e tiveram suas obras por ele recusadas? —, os que o viram poderão ter notado que foi mínimo o percentual dessas injustiças. Diga-se de passagem: quando tomamos conhecimento de que as obras de Lionello Berti, um pintor distinto, haviam sido recusadas, julgamos ter havido, de parte dos jurados, excessivo, incompreensível rigor; acontece que Berti enviou para o Salão de 1960 três obras que em nada o representam, e onde não estão presentes quaisquer de suas inegáveis qualidades de artista. Também o fato de ter sido recusado o envio de Euridice suscitou comentários pouco favoráveis ao júri; mas Euridice é, em nosso entender, de primeira linha, e os três trabalhos que submeteu a julgamento não poderiam,

em verdade, ter sido admitidos ao Salão. Não sabemos se os trabalhos de Júlio Vieira mereceram o corte que lhes foi aplicado, pois não os vimos; cumpre notar, porém, que esse jovem pintor tem feito sensíveis progressos ultimamente, tendo atingido a elevado nível de desenvolvimento suas *Paisagens* extremamente depuradas, reduzidas apenas ao essencial.

Enfim, o presente artigo não busca analisar o que deixou de ser exibido no Salão de 1960, e sim o que dele constou, sendo oportuno, portanto, que passemos sem mais vacilações a tal análise. Como se sabe, divide-se o Salão em seções: Escultura, Pintura, Desenho e Artes Gráficas e Artes Decorativas, havendo ainda uma seção destinada à Arquitetura, e que este ano não teve competidores. Iniciemos o exame de cada uma de tais seções.

ESCULTURA

Das 18 obras de escultura enviadas ao Salão de 1960, 4 pertenciam a possuidores de certificados de isenção (de Figueiredo e Sérgio Camargo), e as restantes submeteram-nas seus autores a júri. De todas, somente nos interessaram as duas peças de autoria de Fernando Jacson Ribeiro, nome para nós desconhecido até então. Tanto em *Um Elementar* como em *Figura*, números 9 e 10 do catálogo, acha-se presente aquela *vitality* de que tratou Roger Fry: ambas as esculturas são como organismos vivos, possuem uma como que vida interna que mesmo olhos inteiramente leigos souberam captar. Têm tanta vida como certas estatuetas da Mesopotâmia, como uma escultura do Benin, como u'a máscara de Copan. Mas não se resume apenas em sua vitalidade, a qualidade estética da escultura de Fernando Jacson Ribeiro: esse artista demonstrou possuir sensibilidade e inventiva, e além do mais existe perfeita adequação entre o que desejou fazer e o material de que lançou mão — velhos pedaços de ferro, até então (Conclui na 2.ª pág.)